

A preparação da Ceia Pascal no evangelho segundo São Marcos

Matheus Camilo de Oliveira¹

Resumo: O culto divino à Sagrada Eucaristia está situado no centro da missão da Igreja, por causa da sua proximidade fundamental com o Mistério Pascal de Nosso Senhor Jesus Cristo, fonte de nossa redenção. Por esse motivo, compreendemos que é imprescindível que, para uma correta apreciação e preparação da celebração eucarística, haja uma compreensão adequada do material evangélico original que a fundamenta. Assim, o presente artigo realiza uma análise contextual, exegética e teológica sobre a perícope do Evangelho de Marcos que retrata a preparação da Última Ceia, incluindo, para tanto, uma comparação sinótica dos Evangelhos e uma abordagem detalhada a cada versículo do texto estudado.

Palavras-chave: Preparação; Última Ceia; Evangelho de Marcos.

Abstract: The divine worship of the Holy

¹ Matheus Camilo de Oliveira, seminarista da Diocese de São José dos Campos-SP, é Bacharel em Ciência e Tecnologia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-SJC, 2017), Bacharel em Filosofia pela Faculdade Dehoniana (2020) e graduando em Teologia pela Faculdade Dehoniana.

Eucharist is situated at the center of the mission of the Church because of its fundamental closeness with the Paschal Mystery of Our Lord Jesus Christ, the source of our redemption. For this reason, we understand that it is essential for a correct appreciation and preparation of the Eucharistic celebration that there be an adequate understanding of the original Gospel material that underlies it. Thereby, the present article conducts a contextual, exegetical, and theological analysis of the pericope of the Gospel of Mark that portrays the preparation of the Last Supper, including, for this purpose, a synoptic comparison of the Gospels and a detailed approach to each verse of the text studied.

Keywords: Preparation; Last Supper; Gospel of Mark.

Introdução

Uma justa abordagem aos escritos evangélicos deve partir de uma correta compreensão acerca do que, de fato, significa a expressão Evangelho. Com efeito, antes de assumir a conotação de gênero literário integrante da literatura neotestamentária, é preciso reconhecer que a definição original do verbete passa pela descrição paradigmática de Marcos, considerado como o Primeiro Evangelista, que inicia sua obra com o título: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Mc 1,1). Esta descrição faz com que Ευαγγέλιον, Boa Nova, sirva para designar primeira e mais propriamente a atividade e o conteúdo

da pregação de Jesus Cristo e de seus discípulos nas respectivas comunidades, onde esta tradição oral se cristalizou em texto escrito.²

Debruçando-se sobre a origem do gênero literário evangélico, BROWN analisa três hipóteses que costumam ser tidas por mutuamente excludentes entre diversos biblistas, são elas: a origem nos desenvolvimentos relacionados ao Antigo Testamento, a origem pela imitação das biografias seculares greco-romanas, e a criatividade dos evangelistas.

Quanto à primeira, diz-se que as narrativas evangélicas, por reproduzirem de algum modo a relação de Deus com o seu povo, se inspiraram nos Livros proféticos e em “Vidas dos Profetas”, obra judaica surgida no século I d.C. com biografias detalhadas dos profetas. Ainda assim, a carga de menções oraculares nesta literatura é muito maior do que nos textos evangélicos.

A segunda hipótese cogita a inspiração, a partir das biografias laudatórias gregas de figuras públicas notáveis, como os filósofos, comuns na época intertestamentária. Os Evangelhos, contudo, destoam deste tipo de narrativa, porque são marcados pelo anonimato de seus autores, pela ênfase teológica, missionária e eclesiológica, pela composição comunitária e pelo uso litúrgico. Mais ainda, o texto de Marcos carece de um relato sobre a infância e vida oculta de Jesus, o que era imperioso para uma boa narrativa das origens espetaculares de uma figura heroica nas biografias seculares.³

2 Giuseppe BARBAGLIO; Rinaldo FABRIS, *Os Evangelhos I*, 2014, p. 14

3 Raymond Edward BROWN, *An introduction to the New Testament*, 2010, p. 122-123.

Enfim, resta a possibilidade de que os Evangelhos sejam um elemento da criatividade cristã. Dado o uso do termo Ευαγγέλιον e derivados por Paulo (cf. Rm 1,1-4, 1Cor 15,1-8 e 1Cor 11,23-26) com o intuito de atribuir caráter salvífico aos fatos da vida jesuana, o verbete não pode ter sido cunhado pelos evangelistas, mas é certo que Marcos é o primeiro autor a redigir uma narrativa mais completa sobre a vida e feitos de Jesus.

Ainda que alguns estudiosos considerem os materiais evangélicos como fictícios, muitos outros pesquisadores reconhecem que as informações ali presentes são factuais, pois, mesmo que décadas separem os eventos relatados e os evangelistas, o conteúdo descrito serve o propósito fundamental de arranjar tudo o que se sabia sobre Jesus, de modo a promover e fomentar a fé que levaria os leitores a Deus. Como essa tarefa levava em conta os interlocutores, cada evangelista empreendeu uma narrativa com conteúdo e apresentação diferenciados, no intuito de melhor atingir esse objetivo de anunciar a Boa Nova.⁴

No âmago deste objetivo de anúncio, a Igreja sempre compreendeu que o Mandato da celebração eucarística lhe diz respeito de forma muito específica, pois o Sacramento da Eucaristia tem especial lugar dentro do Mistério Pascal, centro do anúncio da Boa Nova. Com efeito, o Concílio Vaticano II reconhece, quanto à Liturgia, que “em tão grande obra, que permite que Deus seja perfeitamente glorificado e que os homens se santifiquem, Cristo associa sempre a si a Igreja, sua esposa muito amada, a qual invoca o seu Senhor e por meio dele rende culto ao Eterno Pai.”⁵

⁴ *Ibidem*, p. 124-125.

⁵ SC 7.

Por esta razão, ao longo do presente artigo, nos lançamos a um estudo sobre a perícope de Mc 14,12-16 que retrata a preparação da Última Ceia de Nosso Senhor Jesus e seus Apóstolos. O recorte específico, que exclui a Narrativa da Instituição propriamente dita, é uma opção metodológica radicada na importância teológico-pastoral dos preparos necessários para a celebração da Eucaristia, que adquirem nova dimensão com a apreciação correta dos detalhes exegetico-teológicos subjacentes a todo o conjunto ritual que pode permanecer despercebido sem a devida abordagem ao material evangélico original.

Para tal abordagem, assim, analisaremos os elementos contextuais, redacionais, exegeticos e teológicos que circundam a perícope selecionada, tematizando alguns itens importantes para a compreensão do texto em si e em seu contexto dentro do Evangelho de Marcos, eleito entre os Sinóticos para nosso estudo por ser, como se verá adiante, considerado o mais antigo e, por conseguinte, prioritário.

1. Breve apresentação do Evangelho de Marcos

Desconsiderado teológica e liturgicamente por autores de diversos séculos, o Evangelho de Marcos ganhou notoriedade na pesquisa bíblica moderna, a partir das investigações de William Wrede, para quem a obra não é um mero apanhado de biografias da era apostólica sobre Jesus, numa exposição de recortes sem grande organização, mas uma construção teológica narrativa artisticamente articulada e com uma intenção teológica bem delineada.

Para GARLAND, que observa isso, a teologia marcana se desenvolve em torno de uma história de Jesus, na qual não se opta pelo emprego preciso ou conciso de títulos cristológicos, mas se utiliza de enigmas, paradoxos e questões abertas para, mediante os impactos do desenrolar da história, comunicar o fato de que Jesus é plenamente humano e, ao mesmo tempo, plenamente divino.⁶

Além disso, GNILKA observa que a atividade de Jesus tem dois elementos diretores: as curas e os ensinamentos, e que o tom do evangelho marcano é eminentemente aquele de um convite ao seguimento de Jesus, mesmo nas cruzes, de sorte que a temática do discipulado é fortíssima no Primeiro Evangelho. Além do círculo destes discípulos mais próximos de Jesus, há ainda um círculo concêntrico mais externo, composto pela multidão, que é muitas vezes hostil ao plano de Deus anunciado e realizado na Pessoa do Nazareno.

Deste modo, introduz-se a dinâmica de um novo povo de Deus, composto daqueles aos quais o Reino de Deus, outro elemento importante da obra marcana, é anunciado. Este anúncio tem forte conexão com o artifício teológico-literário do segredo messiânico, por meio do qual a revelação plena dos mistérios do Reino se identifica com a esperança escatológica e a preparação para o Reinado do Senhor, já preconizado pelo ministério do Batista como precursor do Messias.⁷

6 David GARLAND, *A Theology of Mark's Gospel: Good News about the Messiah, the Son of God*, 2015, p. 38-39.

7 Joachim GNILKA, *Marco*, 2007, p. 19-27.

1.1 Autoria

A questão da autoria do Primeiro Evangelho é bastante debatida. A primeira hipótese remonta a At 12,12, a 2Tm 4,11, a 1Pd 5,12-13 e a outras referências neotestamentárias que mencionam um homem chamado João Marcos, como pertencente ao círculo paulino. Outrossim, temas paulinos aparecem por vezes na narrativa evangélica marcana. A presença de algumas falhas do autor no uso do grego e no conhecimento das tradições judaicas, enfraquecem tal concepção, de modo que ele poderia ser um judeu helenista ou apenas estar adaptando de alguma forma os cálculos temporais e costumes judaicos a uma comunidade não familiarizada com o judaísmo ou à própria situação geográfica.⁸

MARCUS vai além, ao afirmar que o testemunho de Pápias, bispo de Hierápolis (Ásia Menor) no século II, vincula o autor ao mesmo João Marcos do círculo paulino e à cidade de Roma. Ademais, o vínculo especial com Pedro seria um elemento garantidor de apostolicidade (mesmo que indireta) ao escrito. Entretanto, se este fosse o caso, a imagem de Pedro não seria representada de forma tão negativa e controversa nas páginas do Primeiro Evangelho.

Diante de tudo isso, uma conclusão possível é a de que o autor do Evangelho realmente se chamava Marcos, dada a pluralidade de fontes aproximadamente contemporâneas a ele que o atestam. Contudo, não há material suficiente para alegar – ou para

⁸ Joel MARCUS, *El Evangelio según Marcos 1,1-8,21*, 2010, p. 31-36.

negar – que essa pessoa seja a mesma encontrada nos Atos dos Apóstolos. Se, enfim, for o caso de existir tal identificação, ao menos o fato de os discípulos fugirem nas cenas da Paixão de Jesus se explicaria na conexão com a fuga inexplicada de João Marcos da companhia de Paulo em At 13,13.⁹

1.2. Datação e contexto histórico

Uma tradição antiga (de Irineu) situa a escrita do Evangelho de Marcos, logo após a morte de Pedro. Outra (de Clemente de Alexandria) postula a contemporaneidade do escrito com esse apóstolo. Diante destas duas possibilidades, o texto deve estar contextualizado nas décadas de 60-70 d.C. Alguns estudos paleográficos que encontraram fragmentos do texto marcano numa caverna de Qumran usada, provavelmente, como esconderijo dos cristãos primitivos, apontam para uma redação em torno da década de 50, o que, pelo erro metodológico de 25 anos, não rechaçaria a hipótese tradicional.

Sendo assim, esta hipótese tem grande valor, porque as perseguições e tribulações mencionadas no capítulo 13 do Evangelho podem muito bem se identificar com a perseguição de Nero aos cristãos (64 d.C.) ou com o panorama das guerras judaicas, no qual ocorreu a destruição do Templo de Jerusalém (70 d.C.). Neste sentido, o Evangelho seria um testemunho da tradição apostólica e um estímulo à comunidade perseguida.¹⁰

⁹ *Ibidem*, p. 37-40.

¹⁰ LANE, William. *The Gospel according to Mark: The English text with introduction, exposition, and notes*, 1988, p. 37-39.

Esta comunidade, de acordo com MARCUS, apesar de outras correntes postularem a possibilidade de ser romana ou palestina, tem fortes indícios de ter se localizado na Síria, dado que os elementos do capítulo 13 fazem mais sentido se entendidos na proximidade temporal e geográfica com os conflitos supracitados. Isto porque, a Síria é próxima à região da Galileia, onde Jesus passa grande parte de seu ministério no Primeiro Evangelho e completa bem a perspectiva geográfica que um interlocutor local teria em relação a tudo o que Marcos apresenta de Jesus.¹¹

2. Contexto literário da perícope de Mc 14,12-16

Seguindo o esquema de MARCUS, que busca se aproximar da estrutura proposta por E. Schweizer, podemos compreender a divisão do Evangelho de Marcos da maneira disposta a seguir. No esquema do autor, as enumerações (a partir do grego) são uma ferramenta que auxilia a reconhecer que as seções principais (com exceção da primeira, em número de versículos, embora não de palavras), sendo de extensões similares, podem indicar, além da validação da estrutura, passos regulares no caminho da revelação da identidade do Messias e do fenômeno discipular ao longo do tempo e da geografia das ações relatadas no Evangelho, como segue:¹²

11 MARCUS, Joel, *El Evangelio según Marcos 1,1-8,21*, 2010, p. 52-56.

12 *Ibidem*, p. 88. Tradução própria. Grifos do autor.

1,1-15: PRÓLOGO (15 versículos, 248 palavras).

1,16-8,21: ATO 1º: Primeiro ministério de Jesus (290 versículos, 4.831 palavras).

1,16-3,6: *Primeira seção principal*: lua de mel e começo da oposição (64 versículos, 1.958 palavras).

3,7-6,6a: *Segunda seção principal*: o conflito se intensifica (118,5 versículos, 1.958 palavras).

6,6b-8,21: *Terceira seção principal*: festas (107,5 versículos, 1.760 palavras).

8,22-10,52: ATO 2º: *Quarta seção principal*: “no caminho” (117 versículos, 2.076 palavras).

11,1-15,47: ATO 3º: Ministério em Jerusalém (231 versículos, 3.828 palavras).

11,1-13,37: *Quinta seção principal*: ensinamentos (113 versículos, 1.963 palavras).

14,1-15,47: *Sexta seção principal*: morte (118 versículos, 1.865 palavras).

16,1-8: EPÍLOGO (a tumba vazia: 8 versículos, 136 palavras).

A perícope selecionada, portanto, se enquadra na sexta seção principal do Evangelho, a da morte de Jesus. Tendo dissertado brevemente acima sobre a importância que Gnilka reconhece à dimensão teológica do texto marcano em revelar o Messias e preparar o seu Reinado, convém que, desde já, reconheçamos como a perícope está contextualizada na sua seção.

GARLAND, por sua vez, subdivide a seção da estrutura marcana nas subseções descritas a seguir. Optamos, ainda, por expandir apenas as primeiras duas subseções para poder compreender quais períco-

pes circundam aquela escolhida para nosso estudo:¹³

Conspiração para matar Jesus e a unção por uma mulher anônima (14,1-11);
 Conspiração para matar Jesus (14,1-2);
 Unção para o sepultamento por uma mulher anônima (14,3-9);
 Judas Iscariotes se une à conspiração (14, 10-11).
 Última Ceia (14,12-25);
 Preparação para a Ceia (14,12-16);
 Predição de que um dos Doze negaria Jesus (14,17-21);
 Interpretação de pão e cálice apontando para a Morte de Jesus (14,22-25).
 No Monte das Oliveiras (14,26-52);
 Audiência de Jesus perante o Sinédrio e a negação de Pedro (14,53-72);
 Audiência de Jesus perante Pilatos e o escárnio dos soldados (15,1-20);
 Crucifixão (15,21-32);
 Morte de Jesus na Cruz (15,33-39);
 Sepultamento de Jesus (15,40-47).

3. Crítica do gênero e da estrutura

A subseção da Última Ceia, de acordo com BERGER, pode ser categorizada, como um todo, segundo o gênero literário de simpósio, pois esta forma literária descreve os encontros e discursos à mesa.¹⁴

¹³ David GARLAND, *A Theology of Mark's Gospel: Good News about the Messiah, the Son of God*, 2015, p. 169-185.

¹⁴ Klaus BERGER, *As Formas Literárias do Novo Testamento*, 1998. p. 234.

Curiosamente, o teólogo considera que esta subseção marcana, apesar de mencionar a instituição da Eucaristia, não pode ser corretamente definida como partícipe do gênero de etiologia cultural, que designa a Ceia Eucarística, uma vez que, assim como no relato mateano (excetua-se o lucano), não se pode provar que a comunidade do primeiro evangelista já celebrasse a Ceia como instituição de Jesus, elemento crucial para a definição de tal gênero.¹⁵

Contudo, a perícope estudada, como não se situa diretamente à mesa, mas está em função de sua preparação, não pode ser categorizada como um sim-pósio, ainda que a subseção à qual pertence de fato o seja. Neste sentido, MARCUS sugere que esse relato seja a primeira parte do discurso de despedida do Mestre,¹⁶ mas é novamente BERGER que tem uma definição mais incisiva e acurada: o trecho específico da preparação da Ceia corresponde ao gênero de vaticínio.

Logo, os vaticínios são fruto e demonstração da autoridade de quem os profere e ganham grande importância quando se cumprem. Este é o caso, segundo ele, da palavra de Jesus que se cumpriu no homem que preparou a sala para a Ceia, conforme havia sido previsto (cf. Mc 14,13-15.16). A importância deste gênero, em geral, é a de consolar o povo diante dos sofrimentos atuais ou vindouros, a partir da manifestação da presença e do poder de Deus.¹⁷

¹⁵ *Ibidem*, p. 298.

¹⁶ Joel MARCUS, *Mark 8-16: A new translation with introduction and commentary*, 2009, p. 946.

¹⁷ BERGER, Klaus. *As Formas Literárias do Novo Testamento*. 1998. p. 263.

Por sua brevidade, enfim, a perícope estudada neste trabalho é constituída de uma estrutura bastante simples, formada apenas por dois blocos temáticos:¹⁸

A (v. 12): Pergunta dos discípulos sobre os preparativos para comer a Páscoa;

B (v. 13-16): Resposta de Jesus, com instruções e vaticínio. Conclusão com a atuação dos discípulos.

4. Crítica da redação

Sendo de tríplice tradição, é conveniente que a perícope da preparação da Ceia seja analisada considerando os outros Evangelhos Sinóticos. No Quadro 1, os trechos equivalentes ao Bloco Temático A de Marcos aparecem em negrito, ao passo que os trechos correspondentes ao Bloco Temático B são representados em tipografia normal. Note-se que, ainda que utilizemos a estruturação esquemática proposta por WHITE, todos os textos escriturísticos em língua portuguesa que utilizamos são oriundos da Bíblia de Jerusalém.

18 LANE, William. *The Gospel according to Mark: The English text with introduction, exposition, and notes*. 1988. p. 333-334.

Quadro 1 – Sinopse da perícope da Preparação da Ceia nos três Evangelhos Sinóticos¹⁹

Mc 14,12-16
¹²No primeiro dia dos Ázimos, quando se imolava a Páscoa, os seus discípulos lhe disseram: “Onde queres que façamos os preparativos para comeres a Páscoa?” ¹³Enviou então dois dos seus discípulos e disse-lhes: “Ide à cidade. Um homem levando uma bilha d’água virá ao vosso encontro. Segui-o. ¹⁴Onde ele entrar, dizei ao dono da casa: ‘O Mestre te pergunta: Onde está a minha sala, em que poderei comer a Páscoa com os meus discípulos?’” ¹⁵E ele vos mostrará, no andar superior, uma grande sala arrumada com almofadas. Fazei os preparativos ali para nós”. ¹⁶Os discípulos partiram e foram à cidade. Acharam tudo como lhes fora dito e prepararam a Páscoa.
Mt 26,17-19
¹⁷ No primeiro dia dos ázimos, os discípulos aproximaram-se de Jesus, dizendo: “Onde queres que te preparemos para comer a Páscoa?” ¹⁸Ele respondeu: “Ide à cidade, à casa de alguém e dizei-lhe: ‘O Mestre diz: O meu tempo está próximo. Em tua casa irei celebrar a Páscoa com meus discípulos’”. ¹⁹Os discípulos fizeram como Jesus lhes ordenara e prepararam a Páscoa.

¹⁷ BERGER, Klaus. As Formas Literárias do Novo Testamento. 1998. p. 263.

¹⁸ LANE, William. The Gospel according to Mark: The English text with introduction, exposition, and notes. 1988. p. 333-334.

¹⁹ WHITE, Gregory (org.). *The NET Bible Synopsis of the Four Gospels*. Richardson. 2004. p. 213.

Lc 22,7-13

. ⁷ Veio o dia dos Ázimos, quando devia ser imolada a Páscoa. ⁸ Jesus então enviou Pedro e João, dizendo: “Ide preparar-nos a Páscoa para comermos”. ⁹ Perguntaram-lhe: “Onde queres que a preparemos?” ¹⁰ Respondeu-lhes: “Logo que entrardes na cidade, encontrareis um homem levando uma bilha de água. Segui-o até à casa em que ele entrar. ¹¹ Direis ao dono da casa: ‘O Mestre te pergunta: onde está a sala em que comerei a Páscoa com os meus discípulos?’ ¹² E ele vos mostrará, no andar superior, uma grande sala, provida de almofadas; preparai ali”. ¹³ Eles foram, acharam tudo como dissera Jesus, e prepararam a Páscoa

É notável como todos os Sinóticos abordam a perícope de uma maneira estruturalmente deveras semelhante. Isto, muito provavelmente, atesta a hipótese da prioridade marcana, segundo a qual tanto Mateus quanto Lucas se utilizaram do material de Marcos para suas próprias narrativas, visto que estes dois Evangelhos são totalmente independentes e podem ter uma fonte comum, além de fontes particulares.²⁰

Portanto, a única diferença mais expressiva é que Lucas toma o material marcano e acrescenta ao Bloco A uma instrução de Jesus anterior à pergunta dos discípulos sobre os preparativos pascais, o que acaba tornando a perícope mais dialogal, mas não cancela o elemento do vaticínio, já comentado

²⁰ Raymond Edward BROWN, *An introduction to the New Testament*, 2010, p. 158-159.

anteriormente. Enfim, para que procedamos à análise mais precisa do texto, é importante tomar o texto grego como referência. Os grifos (nossos) reproduzem os apontamentos de MARCUS que ser-nos-ão úteis mais adiante.²¹

Quadro 2 – Texto da perícope de Mc 14,12-16 em grego e sua tradução²²

Texto Grego (NA 28)	Tradução (Bíblia de Jerusalém)
¹² Καὶ τῇ πρώτῃ ἡμέρᾳ τῶν ἄζύμων, ὅτε τὸ πάσχα ἔθουον, λέγουσιν αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ· ποῦ θέλεις ἀπελθόντες ἐτοιμάσωμεν ἵνα φάγης τὸ πάσχα;	¹² No primeiro dia dos Ázimos, quando se imolava a Páscoa, os seus discípulos lhe disseram: “Onde queres que façamos os preparativos para comeres a Páscoa?”

²¹ Joel MARCUS, *Mark 8-16: A new translation with introduction and commentary*. 2009, p. 944-946.

²² SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, Novo Testamento interlinear grego-português, 2009, p. 191, [grifo nosso].

¹³καὶ ἀποστέλλει δύο τῶν μαθητῶν αὐτοῦ καὶ λέγει αὐτοῖς· ὑπάγετε εἰς τὴν πόλιν, καὶ ἀπαντήσῃ ὑμῖν ἄνθρωπος κεράμιον ὕδατος βαστάζων· ἀκολουθήσατε αὐτῷ	¹³Enviou então dois dos seus discípulos e disse-lhes: “Ide à cidade. <i>Um homem levando uma bilha d’água</i> virá ao vosso encontro. Segui-o.
¹⁴καὶ ὅπου ἔαν εἰσέλθῃ εἵπατε τῷ οἰκοδεσπότη ὅτι ὁ διδάσκαλος λέγει· ποῦ ἐστὶν τὸ κατάλυμά μου ὅπου τὸ πάσχα μετὰ τῶν μαθητῶν μου φάγω;	¹⁴Onde ele entrar, dizeis ao dono da casa: ‘O Mestre te pergunta: Onde está a minha sala, em que poderei comer a Páscoa com os meus discípulos?’”
¹⁵καὶ αὐτὸς ὑμῖν δείξει ἀνάγαιον μέγα ἐστρωμένον ἑτοιμον· καὶ ἐκεῖ ἐτοιμάσατε ἡμῖν.	¹⁵E ele vos mostrará, no andar superior, uma grande sala arrumada com almofadas. <i>Fazei os preparativos ali para nós</i>”.

¹⁶ καὶ ἐξῆλθον οἱ μαθηταὶ καὶ ἦλθον εἰς τὴν πόλιν καὶ εὔρον καθὼς εἶπεν αὐτοῖς καὶ ἡτοίμασαν τὸ πάσχα.	¹⁶ Os discípulos partiram e foram à cidade. Acharam tudo como lhes fora dito e prepa- raram a Páscoa.
--	--

5. Comentário exegético-teológico

Passaremos, agora, à análise da perícope por cada um de seus versículos, dado que a estrutura de blocos temáticos não apresenta complicações ou ressalvas para tanto. Ora, o início da perícope, “τῇ πρώτῃ ἡμέρᾳ τῶν ἄζύμων, ὅτε τὸ πάσχα ἔθυσον” (v. 12) apresenta uma indicação temporal confusa no panorama judaico, pois, como aponta GNILKA, a imolação da Páscoa e a festa dos Ázimos (que também podia ser chamada simplesmente de Páscoa) são mencionadas em ordem invertida. Isto pode indicar que o texto foi escrito para uma comunidade que não estava familiarizada com os usos judaicos nem com a datação hebraica, que toma o entardecer como início do dia, em vez do horário da meia-noite.

Sendo assim, a imprecisão cronológica ressalta que a importância máxima e real se deve dar à Páscoa de Jesus, acontecimento que transcorre durante um estendido período festivo marcado pelas duas datas postuladas. À vista disto, a pergunta dirigida a Jesus em v. 12b traz o tom de que todos os discípulos ansiavam pela celebração, porém Jesus envia apenas

dois deles para realizar os preparativos para a Páscoa com os discípulos, ao passo que os demais permanecem consigo. Este envio, mais ainda, adapta-se bem ao esquema do envio missionário.²³

Em seguida, o mandato de Jesus “ὑπάγετε εἰς τὴν πόλιν” (v. 13a) se refere à cidade de Jerusalém como destino dos dois discípulos enviados, pois é somente dentro dela que o cordeiro pascal deveria ser consumido, dado que a celebração, originalmente doméstica (cf. Ex 12,1-13), foi depois transformada em uma festa de peregrinação no período de Josias (século VII a.C., cf. Dt 16,5-7). Além disso, geograficamente, MARCUS supõe que esta ordem tenha sido dada em Betânia, cidade próxima de Jerusalém, como a subseção anterior (v. 3-9) nos faz considerar.

Curiosamente, os discípulos são encontrados por “ἄνθρωπος κεράμιον ὕδατος βαστάζων” (v. 13b), o que seria muito incomum, dado que o costume da época era de que mulheres carregassem água em vasos de barro, ao passo que homens usariam odres para tanto. Assim, o encontro com um homem carregando água em um recipiente cerâmico (elemento que pode não ficar tão claro na tradução do texto) seria, com certeza, um indicativo da excepcionalidade do momento. Não obstante, ressalta-se que não são os discípulos a se aproximarem desta cena incomum: ocorre justo o inverso.²⁴

GNILKA, refletindo sobre o mesmo ponto, questiona a excepcionalidade da cena, pois o homem

²³ Joachim GNILKA, *Marco*. 2007. p. 760.

²⁴ Joel MARCUS, *Mark 8-16: A new translation with introduction and commentary*, 2009, p. 945.

poderia muito bem apenas estar na sua trajetória hídrica corriqueira de Siloé a Jerusalém. Em todo caso, os discípulos o seguem até a casa. A presciência sobrenatural ou simples combinação prévia de Jesus com o homem (com ou sem a ciência dos discípulos), para além da questão do vaticínio, indica a obediência do Mestre aos desígnios de Deus, que inclui, certamente, andar no caminho cotidiano da humilhação e seguir até a Paixão. Mais do que do trajeto do homem, Jesus revela pleno conhecimento da vontade do Pai, a qual assente em paz.²⁵

Logo depois, observamos dois elementos honoríficos, quando o texto apresenta a colocação: “ὁ διδάσκαλος λέγει· ποῦ ἐστὶν τὸ κατάλυμά μου[...]” (v. 14). Primeiramente, o título de διδάσκαλος, que aparece nesta única vez na boca de Jesus no texto marcano, remonta a רַבִּי forma com que o povo se dirigia a Jesus, tanto por seus ensinamentos, quanto por sua grandeza e autoridade.²⁶

A isso se acrescenta a informação de que κατάλυμά designa o aposento privilegiado que se reservava aos homens em viagens de Estado. Isso, mais uma vez, corrobora a autoridade jesuana, mas abarca ainda outro elemento mais pungente: com isso se cumpre o que Mc 10,29-30 prenunciava, ou seja, a promessa de que aqueles que praticassem o desprendimento receberiam a recompensa divina. Aqui, vemos como o abandono do próprio lar levou Jesus e os discípulos a encontrarem hospedagem com o povo até o último momento.²⁷

25 Joachim GNILKA, *Marco*, 2007. 762.

26 *Ibidem*, p. 762.

27 Joel MARCUS, *op. cit.*, p. 945.

O homem que carregava a água, segundo LANE, ainda manifesta uma grande coragem ao abrir sua residência para Jesus, que, a essa altura do texto evangélico, já era perseguido pelos chefes dos sacerdotes e escribas (cf. Mc 14,1). Por conta da notoriedade de Jesus em Jerusalém, é possível, ainda, que tenha sido o próprio dono da casa a arranjar os detalhes da imolação do cordeiro junto ao Templo, além da preparação dos elementos da sala superior para a Ceia.²⁸

Esta área do segundo pavimento (ἀνάγαιον) era o ambiente mais especial da casa, utilizado para a reunião da família e para as refeições. É ali que os discípulos chegam e devem preparar a Páscoa. Logo mais, observamos que “ἐστρωμένον ἔτοιμον· καὶ ἐκεῖ ἐτοιμάσατε” (v. 15) é uma construção inusitada, pois não faria sentido que os discípulos tivessem de preparar (ἐτοιμάσατε) uma sala já preparada (ἔτοιμον).

Assim como MARCUS reconhece, pode ter havido uma expansão redacional de uma tradição pré-marcana neste versículo ou, mais simplesmente, pode ser que os discípulos tivessem encontrado apenas o espaço pronto (no sentido de disponível), mas ainda tivessem de preparar a Ceia Pascal propriamente dita. Isto denota um envolvimento, tipicamente marcano, dos discípulos na realização da obra do Mestre.²⁹

Enfim, após a instrução (v. 13b-15), os discípulos cumprem sua parte, o que se dá numa narrativa bastante breve. É de especial menção o fato de

28 William LANE, *The Gospel according to Mark: The English text with introduction, exposition, and notes*, 1988, p. 334.

29 Joel MARCUS, *Mark 8-16: A new translation with introduction and commentary*, 2009, p. 946-947.

que eles “εὖρον καθὼς εἶπεν αὐτοῖς” (v. 16), o que é acompanhado de incomum silêncio, visto que os discípulos não proferem ou esboçam qualquer reação diante da clarividência de Jesus.

Sendo assim, o momento é sóbrio, crítico e apresenta o último instante em que os discípulos agiram de forma louvável (como se vê no fato de a próxima perícope da subseção ser o anúncio da traição de Judas). Esta atitude, portanto, deve ser paradigmática para o discipulado de todo cristão, nos termos de sua simplicidade e fidelidade, diante das adversidades, elemento caro ao autor do Primeiro Evangelho e a sua comunidade.³⁰

Diante de tudo isso, podemos observar com IBARRONDO que esta perícope sintetiza bem a tensão escatológica que perpassa e marca toda a obra marcana. Por um lado, Jesus assume e cumpre toda a promessa feita a Israel e inclusive demonstra sua autoridade messiânica na preparação da Ceia Pascal. Pelo outro, contudo, o Mestre realiza uma ruptura com as tradições judaicas.

Ora, os Doze ainda queriam preparar e celebrar a ceia judaica, mas Jesus, com sua presciência messiânica, acolhe este ensejo e o reforma, enviando-os em missão para participarem na sua obra, que é nova e redentora, já um sinal de sua atuação posterior na Igreja: aqueles que estiveram na companhia de Cristo e O seguiram, passam a ser seus delegados para perpetrar a ação salvífica e libertadora ao longo da história, nas comunidades cristãs.³¹

³⁰ *Ibidem*, p. 949.

³¹ Xavier Pikaza IBARRONDO, *Comentario al Evangelio de*

Uma última luz para o entendimento deste texto nos é dada por RATZINGER que, partindo das intuições de J. P. Meier sobre o problema da datação da ceia, mencionado acima, e de outras fontes da Tradição apostólica, estabelece uma perspectiva interessante sobre toda a perícope. Para o saudoso pontífice, Jesus manifesta sua presciência na preparação dos elementos da Ceia, mas sobretudo acerca da sua própria Morte.

Neste encontro especialíssimo com os seus discípulos, torna-se irrelevante o ritual judaico e sua datação, pois Ele instituiu na ocasião a sua própria Páscoa (uma cena cujos detalhes rituais são expostos na terceira perícope da mesma subseção do texto estudado). Deste modo, o antigo não é abolido e sim levado à plenitude em Cristo.

Com isso, se compreende que a Última Ceia, desde os elementos de sua preparação, não é um mero discurso de despedida ou só um vaticínio autoritativo da identidade do Mestre, ou mesmo uma importante profecia, mas ela é “uma real antecipação da Cruz e da Ressurreição nos dons eucarísticos – considerada como uma Páscoa, como a *sua* Páscoa. E assim se fez.”³²

Considerações Finais

A perícope da Preparação para a Ceia nos traz diversos elementos de importante valor teológico e pastoral que soam jazer despercebidos numa abor-

Marcos, 2012, p. 545-547.

32 Joseph RATZINGER, *Jesus of Nazareth, Part Two: Holy Week From his transfiguration through his death and resurrection*, 2011, p. 76, [grifo nosso], [tradução nossa].

dagem incauta ao seu texto breve e simples. Não obstante, cabe-nos apontar alguns pontos dela que merecem especial reflexão.

Em primeiro lugar, observamos o contraste da ansiosa proatividade dos discípulos com a calma do Mestre que envia dois deles em missão, conforme o seu conhecimento prévio da situação pela qual todos hão de passar. Aqui, podemos deduzir tanto o apego dos discípulos à tradição judaica da celebração da Páscoa, que os impede de entrever a novidade que lhes trará Jesus, quanto a ênfase de Marcos no discipulado, pois a proximidade e convivência com Cristo é mais valiosa do que qualquer afazer, mesmo que de fundo religioso e com a intenção de agradá-Lo.

Esta intimidade com Jesus faz-nos compreender como Ele já conhecia, antes do fato, que seu caminho, pontilhado por controvérsias e humilhações, levava à Paixão. Seja pela via da predestinação divina do evento, seja pela combinação humana, o encontro com o homem que carregava a água não é fortuito, mas uma bela, apesar de sutil, demonstração da humildade do Senhor, que submetendo a si a ordem da criação, se submete pacífico ao desígnio do Pai e, colocando-nos em missão, ensina-nos a fazer o mesmo ato de humilde obediência que, mesmo após as perseguições, nos encaminha ao Banquete do Ressuscitado no Reino de Deus.

Vemos, então, o Mestre que se faz próximo do povo, tomando a Ceia em sua casa e que, com isso, quer que aqueles que O seguem participem de sua obra, preparem seu caminho e, especialmente, se

identifiquem com Ele, tomando parte em sua Vida e de Páscoa novas.

No andar superior, local mais íntimo e especial da casa, observamos o desenrolar do mistério mais excelso, a entrega do Senhor para a nossa salvação de uma forma totalmente nova, que leva à plenitude todo o Antigo Testamento e, com ele, também nossas expectativas e a nossa própria existência. É isso o que, aliás, medita a Igreja na Solenidade de *Corpus Christi* ao afirmar, a partir da sequência composta pelo Aquinate: “novo Rei e nova mesa, nova Páscoa e realeza, foi-se a Páscoa dos judeus. Era sombra o antigo povo, o que é velho cede ao novo: foge a noite, chega a luz.”³³

No seguimento do Mestre, não há surpresas ou euforias. Como os discípulos agiram naquela cena, a perícope da Preparação da Ceia nos exorta à perseverança sóbria e confiante nos desígnios do Senhor, em meio aos conturbados tempos de perseguição – mais ou menos velada – pelos quais passa a Igreja de hoje, como também era o caso (ainda que mais severo) na comunidade de Marcos, cujo escrito mais uma vez nos anima e forma no correto discipulado de Jesus e nos move sempre mais a meditar e viver com um ardor sempre crescente o Mistério Pascal que nos redime e traz vida nova.

Como mencionávamos anteriormente, há um aceno evidentemente litúrgico subjacente nas entrelinhas da perícope estudada e, diante de seus elementos redacionais, exegeticos e teológicos, podemos en

33 LECIONÁRIO DOMINICAL, Sequência da Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo.

contrar uma riqueza profunda que anima a vivência do Mistério Pascal do Senhor Jesus a cada vez que o celebra sacramentalmente nas comunidades de fé por toda a Santa Igreja.

Em um momento em que a Igreja no Brasil exulta com o lançamento de sua tradução da Terceira Edição Típica do Missal Romano, parece-nos, destarte, convir recordar o que HILDEBRAND afirmava sobre o culto divino público da Igreja, em contraste com as opiniões de que ele seja uma forma ritualista, fria ou distante de contato com Deus:

A Liturgia incorpora, ao invés, a mais intensa e verdadeira afetividade, e é a mais pessoal das orações, pois é a oração da pessoa perfeita, o Deus-homem, Jesus Cristo. Tão longe ela está, aliás, de qualquer frieza impessoal que ela abraça, de fato, todas as alturas e profundezas da vida humana. É na Liturgia que o homem descobre a sua verdadeira condição e estatura metafísica, e o seu fim último: ele descobre todos os elementos de nossa natureza decaída, sua necessidade de redenção e a realidade sobrenatural da graça.³⁴

Enfim, recordar esses elementos nos move a um encontro mais profundo com o Mestre que nos chama não mais a preparar fisicamente sua Última Ceia em uma sala no andar superior da casa de um homem que carregava água em seu caminho, mas a nos preparar sempre e cada vez mais digna, atenta, ativa,

34 Dietrich von HILDEBRAND, *Liturgy and Personality*, 2016, p. 18, [tradução nossa].

devota e profundamente para o encontro com Aquele que tem presciência de todos os eventos e que em seu Evento Redentor, seu Mistério Pascal, nos chama continuamente ao seu discipulado, à intimidade consigo, e à obediência aos desígnios do Pai na solene sobriedade da liturgia e nas cruzes da vida.

Referências Bibliográficas

BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo. *Os Evangelhos I*. 3. ed. São Paulo. 2014: Loyola.

BERGER, Klaus. *As Formas Literárias do Novo Testamento*. São Paulo. 1998: Loyola.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1989. Nova edição, revista.

BROWN, Raymond Edward. *An introduction to the New Testament*. New Haven & London. 2010: Yale University Press. (The Anchor Yale Bible).

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição conciliar “*Sacrosanctum Concilium*” sobre a Sagrada Liturgia. In *Compêndio do Vaticano II – constituições, decretos e declarações*. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 257-306.

GARLAND, David. *A Theology of Mark's Gospel: Good News about the Messiah, the Son of God*. Grand Rapids. 2015: Zondervan.

GNILKA, Joachim. *Marco*. 2. ed. Assisi. 2007: Cittadella Editrice.

HILDEBRAND, Dietrich von. *Liturgy and Personality*. Steubenville: The Hildebrand Project, 2016.

IBARRONDO, Xavier Pikaza. *Comentario al Evangelio de Marcos*. Barcelona. 2012: Editorial CLIE.

LANE, William. *The Gospel according to Mark: The English text with introduction, exposition, and notes*. Grand Rapids & Cambridge. 1988: William B. Eerdmans Publishing Company. (The New international commentary on the New Testament, v. 2).

LECIONÁRIO DOMINICAL. São Paulo. 2007: Paulus.

MARCUS, Joel. *El Evangelio según Marcos 1,1-8,21*. Salamanca. 2010: Sígueme.

MARCUS, Joel. *Mark 8-16: A new translation with introduction and commentary*. v. 27A. New Haven & London. 2009: Yale University Press. (The Anchor Yale Bible).

RATZINGER, Joseph. *Jesus of Nazareth, Part Two: Holy Week From his transfiguration through his death and resurrection*. San Francisco. 2011: Ignatius Press.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Novo Testamento interlinear grego-português*. Barueri. 2009:

Sociedade Bíblica do Brasil.

WHITE, Gregory (org.). *The NET Bible Synopsis of the Four Gospels*. Richardson. 2004: Biblical Studio Press.